

12 DEZ 1988

# A silenciosa sucessão paulista

Ricardo A. Setti \*

**E**nquanto a campanha para a eleição presidencial atravessa com emoção de final de Copa do Mundo seus últimos dias, no suspense das pesquisas de intenção de voto que indicam um cabeça-a-cabeça no próximo domingo e no estrépito das multidões que ocupam ruas e praças, rola nos bastidores, silenciosa, uma outra disputa, menos importante mas nada negligenciável: a corrida pela sucessão do governador de São Paulo, Orestes Quéricia.

Nada negligenciável, mesmo. "O orçamento de São Paulo para 1990 é de 12,5 bilhões de dólares e tem 3,1 bilhões para investimentos", contabiliza o presidente de uma grande estatal paulista. "É uma barbaridade", extasia-se. Abstraindo-se a grande interrogação que é saber o que vai ser da crise econômica a médio prazo, esses números dão uma medida do que poderá ser pilotar São Paulo a partir de 1991, quando o novo governador tomará posse já com mais recursos injetados nos cofres do estado pelo efeito da reforma tributária tecida pela nova Constituição.

Trata-se, porém, de uma sucessão que tem mais incógnitas do que candidatos. A primeira delas é o destino próximo do governador Quéricia, uma esfinge que poucos, mesmo os amigos e colaboradores mais próximos, se arriscam a decifrar. Ninguém sabe hoje, talvez nem o próprio Quéricia, qual o rumo que, pessoalmente, irá tomar — ou seja, se fica no governo até o último dia de seu mandato, em 15 de março de 1991, ou se se desincompatibiliza do cargo a 15 de maio próximo; caso em que lhe restaria apenas cinco meses de mandato, para candidatar-se a uma cadeira no Congresso. A opção, naturalmente, é importante: embora Quéricia possa conduzir sua sucessão dentro do PMDB de forma a ter até lá um candidato escolhido, estará fora do comando do maior e mais rico estado brasileiro durante a campanha eleitoral.

O governador, é certo, anunciou logo depois de uma viagem à Europa Oriental, em maio passado, que iria permanecer no Palácio dos Bandeirantes até cumprir seus quatro anos. Mas se tratou mais de manobra tática do que de decisão definitiva. Vários amigos e auxiliares próximos, inclusive o secretário de Energia e Saneamento, João Leiva, que o acompanhou na viagem, o aconselharam a ou não sair candidato ou, então, se decidisse concorrer, a não anunciar a decisão a não ser perto do momento de deixar o palácio. O anúncio do fisco atendeu a conveniências da própria eficácia da administração. "O governo estava uma zona", recorda um secretário próximo a Quéricia, referindo-se ao clima de incerteza existente dentro da máquina quanto à permanência ou não do chefe. "Tinha gente com convites para a iniciativa privada, os fisiológicos estavam querendo se aproveitar." Dizendo que iria até o fim, portanto, Quéricia cortou pela raiz a síndrome do café-zinho, que, segundo a tradição brasileira, acaba sendo servido frio para o governante ou nem mais aparece nas bandejas dos continuos quando se fareja um clima de fim de governo.

O Quéricia vai decidir só na última semana", acha um colaborador. Há amigos do governador que o aconselham a partir para a disputa do controle do que sobrar do PMDB e a assumir sua presidência na eleição para a substituição do doutor Ulysses Guimarães, prevista, justamente, para abril de 1991, dias depois do final de seu mandato. Outros acham inadequado Quéricia atravessar um longo período sem um mandato. Há quem, pragmático, lembre até que um mandato parlamentar, com a imunidade respectiva, é sempre útil, caso o candidato Luís Inácio Lula da Silva e seu PT, feroz adversário de Quéricia em São Paulo, assumam a presidência.

Enquanto Quéricia não se decide, as coisas vão acontecendo. Há pelo menos quatro candidatos declarados ao seu lugar dentro do PMDB. Correndo por fora, por não pertencer ao esquema do governador, está o vice Almino Affonso, um invariável arrostador de maioneses, nos fins de semana em que percorre o estado trabalhando as bases do partido. Mais próximos a Quéricia, três secretários se movimentam: José Machado de Campos Filho, da Fazenda, membro do "pessoal de Campinas" — grupo que está com Quéricia desde o início de sua carreira política na maior cidade do interior de São Paulo, há duas décadas — e ex-advogado pessoal do governador; João Leiva, candidato derrotado na eleição para prefeito da capital, no ano passado; e José Aristodemo Pinotti, secretário de Saúde, ex-reitor da Universidade Estadual de Campinas e ex-secretário de Educação no governo Franco Montoro (1983-1987).

Oficialmente, Quéricia deixa que as candidaturas afluam para ver quem se viabiliza. Este verbo, aliás, tem sido chave na estratégia do governador. "Viabilizar, para mim, não é arranjar dinheiro para a campanha, mas sa-

ber quem terá mais votos", já avisou ele. O secretário de Fazenda é quem tem feito mais barulho. Montou um escritório político numa avenida classe A de São Paulo, simplificou seu nome para José Machado, arremontou apoios de peso na máquina do governo e lançou-se, até, numa ousada campanha de popularização com recurso aos cofres públicos: a campanha "Nota fiscal da poupança", espécie de promoção tipo "Seu talão vale um milhão", destinada a aumentar a arrecadação do ICMS, utiliza comerciais divulgados no horário nobre das emissoras de TV, em que sempre Machado é protagonista, anunciando o que pode ser feito com o dinheiro embolsado a mais pelo governo. O PT já está impugnando a veiculação desses anúncios por considerá-los propaganda política indevida, mas, ainda no domingo, em pleno *Fantástico* da Rede Globo, ele foi ao ar uma vez mais.

Machado tem feito uma peculiaríssima campanha eleitoral, que começou em reuniões com diretorias de estatais, em setembro. Num almoço na Secretaria de Fazenda, naquela ocasião: ele convidou para conversar o presidente do Banco do Estado, Boris Tabacof, executivo da iniciativa privada, indicado por Leiva para o governo, e mais seis diretores. "Vou disputar a indicação pelo PMDB", disse ele, então, "e queria contar com o apoio de vocês. Sei que não sou o único, pois o Pinotti e o Leiva também estão disputando, e tem ainda o Almino, que devem pedir os votos de vocês, mas eu queria a preferência". Diplomático, Tabacof respondeu que o único patrimônio a oferecer, ali, era uma boa gestão à frente do banco. "O escolhido pelo PMDB tem 400 mil eleitores potenciais", disse, referindo-se aos funcionários do Banespa e a suas famílias. Depois disso, Machado repetiu encontros em outras empresas do estado.

Seu objetivo é claro: mostrar a Quéricia que tem o apoio da máquina do governo, e aos outros que, agindo com essa desenvoltura, é o candidato do governador. Não são poucos os que, dentro do governo, acham que ele de fato é. Estão de seu lado homens poderosos do esquema de Quéricia, a começar pelo ex-deputado e hoje conselheiro do Tribunal de Contas estadual Antonio Carlos Mesquita, da "turma de Campinas", José Lopes, o "Zé Português", sócio em vários negócios do governador, Nildo Masini, empresário, presidente da Caixa Econômica Estadual e coordenador da campanha, Luis Carlos Santos, deputado estadual e secretário da Habitação, Murilo Macedo, ex-ministro do Trabalho do governo João Figueiredo, presidente da Companhia Energética de São Paulo e Alfredo Almeida Junior, presidente da Eletropaulo, outra empresa do setor energético, a ex-Light.

Machado pretende se apresentar como "o Carvalho Pinto de Quéricia", numa referência ao falecido e respeitado ex-governador de São Paulo que foi eleito para o posto em 1962 depois de ter sido secretário das Finanças de Jânio Quadros em sua primeira gestão na Prefeitura da capital e secretário da Fazenda do Jânio governador, sendo em ambas as ocasiões considerado um saneador de finanças. Ele é quem está por trás da estratégia que tem permitido a Quéricia fazer um número de obras que destoa do clima geral anêmico dos governos de outros estados. Foi Machado, por exemplo, quem concebeu o plano de aumentar durante um ano o ICMS em 1% para possibilitar um programa de emergência de habitação popular, outro de capacitação tecnológica para a indústria e um terceiro para a regionalização do ensino público, três dos mais recentes esteios da gestão Quéricia.

Os problemas, porém, não são poucos. Um deles é que Machado é, ainda, um completo desconhecido num estado que promete eleições duríssimas para o ano que vem, com candidatos egressos de forte campanha presidencial deste ano, como Mário Covas, do PSDB, e Paulo Maluf, do PDS, sem contar algum nome de peso também no PT. Outro é que sua sede em direção ao pote tem provocado estremecimentos no partido. "Eles estão fazendo um jogo sujo", ataca, por exemplo, um dos outros concorrentes, referindo-se ao grupo unido em torno de Machado. Leiva, um nome com bom trânsito no partido e amigo de Quéricia, carrega o estigma de ter perdido a eleição de 1988, ficando atrás da atual prefeita Luiza Erundina e de Maluf, embora haja protagonizado uma campanha competente. Pinotti, com um trabalho considerado bom na Secretaria da Saúde, tem o *handicap* de não ter suficientes canais no PMDB. Os amigos garantem que Quéricia quer é ganhar a eleição, e que mesmo Almino, homem fora de seu esquema e que mantém uma difícil relação com o governador, poderá vir a ser apoiado, se for eleitoralmente o mais viável.

O fato, porém, é que o PMDB se aproxima da sucessão estadual no principal estado brasileiro na esteira da derrota sofrida pelo doutor Ulysses e, até agora, na atarantada situação de cachorro que caiu de caminhão de mudança. Um prenúncio; certamente, do que vai ocorrer Brasil afora no ano que vem.